



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17634 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

Teorização de currículo diante do dispositivo planetário
 Jorge Felipe Marçal Gomes - CAp-UFRJ

TEORIZAÇÃO DE CURRÍCULO DIANTE DO DISPOSITIVO PLANETÁRIO

Este trabalho expõe parte dos argumentos de uma tese de doutorado desenvolvida durante os últimos quatro anos no âmbito dos estudos curriculares. A tese busca esmiuçar, diante do problema da(s) crise(s) ecológica(s) que se desenha(m) em larga escala na virada do século XX para o século XXI, o que chamo de dispositivo planetário. Alio nesta discussão o conceito de planeta, de Chakrabarty (2019), ao de dispositivo de Foucault (1988). O planeta, segundo Chakrabarty, é a figura imperativa do sistema Terra, que não pode ser ignorada, forçando as diferentes instituições sociais a se repensarem diante da possível inabitabilidade do planeta. Essa reorganização é sentida não só fisicamente, mas também no deslocamento da distinção entre “local” e “global” e seus processos de hibridização (Canclini, 1998). Onde antes se pensava uma dinâmica de ocupação contingente do “global” por um “local” através de relações de antagonismo e de práticas articulatórias (Laclau, 2011), em um tempo imaginado como indeterminado e sem fim, hoje se pensa no risco de não mais existirmos em um futuro próximo. O planeta é a consciência de que já não existimos no presente em diversos outros planetas, portanto a vida, em especial a vida humana, não se trata de uma necessidade teleológica.

Embora a proposição de Chakrabarty (2019) almeje deslocar o *anthropos* da centralidade que ele assumiu na organização política ocidental e capitalista dos últimos séculos, inclusive pensando suas imbricadas relações com o colonialismo e com o desenvolvimentismo, há já uma pulverização de *respostas* a essa “mobilização planetária”. Essas *respostas* heterogêneas, não necessariamente articuladas entre si, mas constitutivas de uma preocupação discursiva comum, se aproximam da noção de dispositivo (Foucault, 1978). Com base em documentos da área da saúde (Horton *et. al*, 2014), das políticas de organismos

internacionais sobre a educação (UNESCO, 2022) e da agenda geopolítica do desenvolvimento global (OCDE, 2023) argumento que pode ser positivo pensar esse quadro como dispositivo planetário. Defendo que pensar com esse conceito é um exercício de teorização de currículo (Miller, 2014), em que o dispositivo planetário não é um dado da realidade que possa ser descrito, nem uma grade interpretativa. Ele é um aparato experimental que convida e congrega uma série de práticas heterogêneas diante do planeta chakrabartyano.

A lógica da proposta planetária se ergue em proposições como a do manifesto *Da saúde pública à saúde planetária* (Horton *et. al*, 2014):

Precisamos de uma **nova visão** da ação e cooperação **democráticas** em todos os níveis da sociedade e de um novo princípio de **planetismo** e bem-estar para cada pessoa na Terra. (...) **Accountability independente** é necessária para assegurar o monitoramento e a revisão desses compromissos, junto com a ação remedial apropriada. A voz **da saúde pública e da medicina** como a **consciência independente da saúde planetária** tem um papel especial em conquistar essa visão (Horton,*et. al*, 2014, p. 847).

Clama-se por uma legitimidade da medicina e da saúde pública, não só em nome da humanidade, mas DO PLANETA, erguendo-se um novo princípio de PLANETISMO e de saúde planetária, “uma atitude diante da vida e uma filosofia para viver” (Horton, *et. al*, 2014, p. 847). Já na área educacional, o documento *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação* (UNESCO, 2022) é resultado da COMISSÃO INTERNACIONAL SOBRE OS FUTUROS DA EDUCAÇÃO, estabelecida pela UNESCO em 2019, “com o objetivo de reimaginar como O CONHECIMENTO E A APRENDIZAGEM podem MOLDAR O FUTURO DA HUMANIDADE E DO PLANETA” (UNESCO, 2022, s/p), entendendo que “A EDUCAÇÃO DEVE SER REPENSADA EM UM MUNDO DE CRESCENTE COMPLEXIDADE, INCERTEZA E FRAGILIDADE” (UNESCO, 2022, s/p). Propõe-se nesses documentos a formação de um tipo de sujeito, em nome de um futuro “a ser assegurado”, numa lógica de ruptura do presente e obliteração do passado.

As teorias de currículo participam da produção de normas sobre o que é e pode ser considerado como educação (Macedo, 2017). É um campo multifacetado, marcado pelo engajamento com as proposições pós-estruturalistas, queers e pós-coloniais (Macedo *et. al*, 2018). Os autores ressaltam que a proeminência das “teorias pós” teria tornado o campo curricular mais afeito ao pensamento filosófico e a temáticas como a produção de corpos e possibilidades de existência. Essas são “algumas indicações, por certo, precárias que deslocam o quadro pós-estrutural da pesquisa em educação e em currículo da abordagem sociológica e reflexiva para uma espécie de campo experimental filosófico” (Macedo *et. al*, 2018, p. 944).

Tomo emprestado o termo “teorização de currículo” de Miller (2014), compreendendo com ela que há movimento incessante na produção das teorias curriculares. Essa compreensão é importante “não só para complicar noções de currículo concebidas somente como conteúdo ou como meios para um fim – ou seja, notas mais altas –, mas também para constantemente interrogar nossas próprias suposições automáticas” (Miller, 2014, p. 2049). Tal ideia conversa com a concepção de Pinar (2004) de currículo como conversa complicada. A “complicação” aqui ganha um sentido interessante, uma vez que complicar os nossos próprios fundamentos (Macedo, 2017) é a tarefa ética da teorização comprometida com a alteridade. Algo similar vem sendo pensado também nos estudos feministas, como a ideia de “ficar com o problema” de Haraway (2016): a operação ética não é solucionar problemas como que para nos livrarmos deles, mas reunir em torno dele um sem-número de testemunhas e nuances, que não estão dados a priori. Esses compromissos colocam a teorização diante de um exercício de *resposta* que seja menos da ordem da interpretação do que da criação ou fabulação. Por isso proponho o exercício conceitual de pensar o dispositivo planetário como tese curricular.

Palavras-chave: educação; sustentabilidade; planeta

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2ª ed, 1998.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The Planet: an emergent humanist category. *Critical Inquiry*, [S.L.], v. 46, n. 1, 2019. p. 1-31. <http://dx.doi.org/10.1086/705298>.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- HORTON, Richard; BEAGLEHOLE, Robert; BONITA, Ruth; RAEBURN, John; MCKEE, Martin; WALL, Stig. From public to planetary health: a manifesto. *The Lancet*, [S.L.], v. 383, n. 9920, 2014. p. 847. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(14\)60409-8](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(14)60409-8).
- LACLAU, Ernesto. Sujeito da Política, política do sujeito. In: LACLAU, Ernesto. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. p. 81-105.
- MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar?: Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 3, 2017. p. 539-554.
- MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago. Apresentação da Seção temática: e depois do pós-estruturalismo?. *Praxis Educativa*, [S.L.], v. 13, n. 3, 2018. p. 941-947. <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.13i3.0017>.
- MILLER, Janet L. Teorização de currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 12, n. 03, 2014. p. 2043 -2063.
- OCDE. *Teaching for the Future: Global Engagement, Sustainability and Digital Skills*. International Summit on the Teaching Profession. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível

em: <https://doi.org/10.1787/d6b3d234-en>. Acesso em 13 ago 2024.

PINAR, William. *What is Curriculum Theory?* Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.